



16º Seminário de Extensão

ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO COMO POSSIBILIDADE NA INCLUSÃO ESCOLAR

Autor(es)

NATÁLIA VELLO ZIEGLITZ BOTTURA

Orientador(es)

MAGALI RODRIGUES SERRANO

Resumo Simplificado

O estudo apresentado aqui faz parte do Projeto de Extensão: "Assessoria Psicológica ao Processo de Inclusão de uma Escola Associativa da Cidade de Piracicaba". Objetivou-se relatar e analisar os elementos significativos na tomada de decisão de um Acompanhante Terapêutico (AT) e as características concretas de sua atuação na mediação das relações sociais e educacionais entre um aluno com necessidades educacionais especiais (NEE) e o ambiente escolar. Os sujeitos do estudo foram uma criança (Ector) do sexo masculino, com idade de 13 anos, que possui diagnóstico de Transtorno Global do Desenvolvimento-Autismo, tendo a linguagem verbal como instrumento rudimentar de comunicação; e a AT, Bete, do sexo feminino, com idade de 28 anos, estudante de psicologia e bolsista deste projeto. Um dos três comportamentos de Ector analisados foram suas crises agressivas que compreendiam a seguinte cadeia de ações: bater com os punhos fechados na mesa, falar em voz alta, arremessar objetos, jogar a cadeira, andar aleatoriamente pela sala, se jogar no chão e se debater. Estes comportamentos ocorriam quando era exigido do aluno permanência sentado e em silêncio por longo período dentro da sala de aula e o cumprimento de uma tarefa complexa que requeria habilidades prévias que Ector não tinha. Essas crises geravam alto nível de estresse em todos os alunos, principalmente em Ector, assim como nos professores. O comportamento apresentado por Ector era mantido por reforço negativo, visto que, com este comportamento toda situação em torno do mesmo se modificava. Diante destas situações a intervenção da AT, inicialmente com a intenção de interromper as crises, era retirar Ector da sala e conversar sobre as consequências de seu comportamento. Quando o repertório de comportamentos do aluno passou a ser conhecido pela AT, assim como os estímulos discriminativos relacionados ao início das crises, foi possível antecipar intervenções evitando a ocorrência dos comportamentos de crise. Essas intervenções envolveram a explicação pela AT da complexidade da tarefa e propor adaptações para sua realização e/ou convidá-lo para uma tarefa externa quando percebia que já não era mais suportável para Ector ficar sentado em silêncio. O elogio dos colegas e professores, o cumprimento da tarefa e o contentamento da AT passaram a ser os reforçadores positivos que mantinham o comportamento adequado e calmo do aluno durante as aulas. A qualidade das interações entre aluno-professor/aluno-colegas sofreu avanços positivos configurando-se um ambiente menos aversivo e com maior previsibilidade e confiança. O AT através de sua atuação promove a participação de todos no processo de inclusão, evidenciando as potencialidades e singularidades do aluno NEE acompanhando, facilitando as intervenções pedagógicas e encorajando as relações sociais e o estabelecimento de vínculos positivos entre todos os envolvidos no processo.